

Zeca

Zeca era do tempo da grande fuga. A retirada de pé descalço, como lhe chamavam. “Tornado é o que tu és!”, dizia-lhe o patrão de ocasião, o Sr. Elias carpinteiro. O Sr. Elias achava que era um pensador, intitulava-se até pedabobo. “Tornado, porquê”, perguntava Zeca. “Porque retornado serás quando voltares para a tua terra, agora tu, que és um preto de Angola, enquanto estiveres cá, és apenas “tornado”, vais com sorte que eu nem dos retornados gosto! E são da minha cor, da minha terra, mas vieram roubar o pouco que temos.” Fugira de Angola nadando no porto do Lobito para um cargueiro que se afastava já, mar dentro. Tivera sorte: a água é morna e calma, ninguém o vira, era quase noite. Tinha falado com Cabinda, um dos tripulantes, e combinara que a troco de tudo o que ganhara em trinta e sete anos de trabalho, entraria no barco e iria na Lisboa. Angola estava a arder. Ele não entendia o que se passava, mas achava que se sentia português, andara na tropa a combater por Portugal, contra os chamados turras, queria ser português. Nunca matara uma mosca. Soubera quem eram alguns dos MPLA’s mas não os denunciara. Estaria dividido? Mas escolhera um dos lados. Estudara, fizera o Liceu, continuara nos chamados “Estudos Gerais Universitários” de Luanda. Depois, um ano, unira-se à UNITA. Mal pensara, deveria ter ficado quieto. O MPLA ganhara força súbita, o seu nome passou a ser falado para morrer. Tivera que escapar, não sabia que mal fizera, ele e muitos outros, quase todos. Lembrava-se das histórias que o pai lhe contara, dos pretos Bailundos como ele, mortos em 61 pela UPA, “União dos Povos de Angola”, que agora se chamava FNLA... “União dos Povos?”, pensara Zeca. “Que união?” Agora sabia que a Metrópole, ou Portugal, tinha coisas bem estranhas! Nunca sonhara com brancos pobres, brancas prostitutas! Até tinha sido assaltado em Lisboa por um grupo de miúdos brancos! “Branco a roubar um preto?!” Nunca pensara nessa possibilidade, mas acontecera. Depois, o Sr. Albano, que o conhecia do Lobito e Benguela, terras vizinhas, mandara-o para Vila Real. Arranjou papeis, ficou por ali. “Mas que frio”, pensava! Trabalhar horas e horas, ele que tanto quisera ser português e os portugueses não paravam de lhe chamar preto, de lhe dizer que fosse para a terra dele! Teria ido, mas sabia que

não podia. Teria ido, porque afinal não era português, mas também não era nada, não era angolano daquela “República Popular de Angola.” Ficaria quieto, vivia num daqueles tempos em que tudo era difícil, até comprar batatas no mercado! Portugal estava cheio de gritarias, mães contra maridos, filhos contra pais, era o mundo em que estava. Renegara o seu filho António. Sentia uma dor no peito, quando se lembrava disso. Mas não se podia lembrar. Dissera-lhe em público que ele já não era mais seu filho, o tempo seguiria o seu caminho. Deitava-se cedo, levantava-se cedo. Tivera sorte! “Tempos piores que os teus sobraram aos outros”, dizia-lhe o patrão, O Sr. Elias carpinteiro de Vila Real e “pedabobo”.

Carlos Mota